

Trança de gente: os desdobramentos da memória em *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado

People's Braid: the Developments of Memory in *Bisa Bia, Bisa Bel*, by Ana Maria Machado

Beatris Pizzoni de Freitas¹
Eloisa da Rosa Oliveira²

DOI: 10.19177/memorare.v7e22020216-233

Resumo: O presente trabalho realizou uma análise do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (2001), da autora Ana Maria Machado, por meio dos desdobramentos da memória, tendo como foco a construção de identidade e o movimento de rememoração presentes na obra. Para isso, utilizou-se como principal suporte teórico os autores Stuart Hall (2003; 2014; 2019) no que diz respeito aos estudos identitários e Walter Benjamin (2019) no que tange os estudos da rememoração, abrindo espaço para os lampejos de perigo e a ideia de progresso que se encontram na narrativa, entre outros autores. A metodologia da pesquisa foi de cunho bibliográfico e a análise do *corpus* qualitativa, construída na concomitância entre a revisão teórica e a análise da obra. Por meio deste estudo, buscou-se compreender a memória não só como imagem fragmentada, mas sim, como espaço de rememoração, de ação e de construção identitária.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Rememoração.

Abstract: This work examines the book *Bisa Bia, Bisa Bel* (2001), by the Brazilian author Ana Maria Machado, focusing in the subjectives: memory, construction of identity and the movement of remembrance present in the story. To that end, Stuart Hall (2003; 2014; 2019) were used as the main theoretical support about identity studies and Walter Benjamin (2019) as support to think about remembrance studies, among other authors. The research methodology was bibliographic and qualitative. The analysis and theoretical review were made at same time in this article. Through this study, we could understand memory not only as a fragmented image, but as a space for remembrance, action and identity construction.

Keywords: Memory. Identity. Remembrance.

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa (Unesc). Professora no Colégio Unesc. E-mail: beatrispizzoni@gmail.com.

² Mestre e doutoranda em Teoria Literária (PPGLIT – UFSC). Professora no curso de Letras na Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). E-mail: elo@unesc.net.

1 Introdução

O que é uma trança? Uma trança é o entrelaçamento, geralmente, de três fios, que se unem para formar um todo. Nessa linha, pensar a formação humana como um entrelaçamento é compreender que algo escapa: vem de fora, vem de antes, reverbera no depois. Ao olhar para a obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, entendo que Isabel é o resultado da junção entre Bisa Bia e Neta Beta, e, com isso, alinho essa visão para o conceito de memória: vejo que ela é a junção entre passado e presente. Se essa relação é tão vasta e desafiadora, como abranger, então, a pluralidade, que por vezes é deveras singular, que são as memórias?

A obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, da autora Ana Maria Machado, chamou a atenção por trazer uma personagem que tem um olhar cuidadoso e crítico para o que chega do passado ao seu presente. Ao parar meu olhar na Literatura Infantil e Juvenil, noto uma potência que ultrapassa os limites teóricos que, por vezes, são impostos a ela. Não obstante, ao analisá-la, pude constatar que as temáticas ali presentes não são mais aprazíveis por serem direcionadas ao público infantil, pelo contrário, constituem espaços de reflexões significativos e críticos, que sobressaem ao campo “da inocência” e se inserem em discussões concisas e que podem ser academicamente investigadas. Em consideração ao que foi apresentado, a obra citada foi escolhida para ser o objeto de estudos desta pesquisa, pois, além do exposto, a narrativa abarca o tema da memória em mais de um viés, que serão explorados ao longo da análise.

Para melhor situar o que se desenrola em *Bisa Bia, Bisa Bel*, é necessário apresentar um breve resumo sobre o livro. A narrativa inicia quando a personagem Isabel, uma jovem menina, encontra uma antiga fotografia de sua bisavó, Beatriz, durante as arrumações de sua mãe e insiste, energicamente, para ficar com ela. Após ganhar a fotografia, em primeiro momento, para levar até a escola, a “voz” de Bisa Bia começa a conversar com Isabel, dando conselhos e imposições sobre seu modo, agitado e aventureiro, de ser. Em contrapartida a essa voz antepassada, surge a voz futurística da bisneta de Isabel, a Neta Beta, que traz apoio às decisões da menina, fala das lutas e das conquistas das mulheres ao longo dos anos e, também, em alguns momentos, discorda de algumas atitudes mais “retrógradas” da própria Isabel. Nesse contexto, a trama se desenvolve no entrelaçar dessas três vozes do passado, presente e futuro e das memórias que vão sendo ali trançadas.

A partir disso, projeta-se como objetivo principal desta pesquisa analisar os desdobramentos da memória na obra *Bisa Bia, Bisa Bel*. Partindo desse pressuposto, foram elencadas duas categorias de análise, que são a construção de identidade e a rememoração. Desse modo, objetivou-se analisar a construção de identidade da personagem Isabel, verificar o movimento de rememoração na obra, que se estende, também, para a ideia de progresso e os lampejos de perigo que ali se projetam. Cabe ressaltar que, ainda dentro de cada categoria, há questões norteadoras que conduziram a pesquisa. No que abarca os estudos da identidade, apresento os seguintes questionamentos: o que é a memória? Qual papel dela na construção da identidade de Isabel e como ocorre essa construção identidade na obra? No que tange aos

aspectos de rememoração, foi elencado: o que é e como ocorreu o movimento de rememoração? Como se apresentaram os lampejos de perigo e como se manifestou a ideia de progresso na obra?

Para a primeira categoria, que compreende a construção identitária de Isabel, foram utilizados os estudos de Stuart Hall (2003; 2014; 2019), no que tange à construção de identidade pluralizada, por meio da interação com o externo e com o outro. A segunda categoria, que engloba os estudos da rememoração e seus desdobramentos, foi embasada em Walter Benjamin (2019), que, por meio de sua abordagem sobre o conceito de história, sugere um movimento de trazer à tona os fragmentos do passado para o presente, ressignificando-os.

A metodologia desta pesquisa foi de cunho bibliográfico, cuja abordagem caracterizou-se como qualitativa. Cada categoria de análise, e seus respectivos questionamentos, representou um capítulo desenvolvido, em que a análise do objeto de pesquisa se deu juntamente com referencial teórico.

2 Memórias trançadas: sobre a construção da identidade

Definir, em um conceito único, o que é memória, pode vir a ser um encaixotamento de uma noção extensa, histórica e, consideravelmente, viva. Ecléa Bosi em seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos* traz uma reflexão cabível: “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento.” (1994, p. 39). Afinal, o que é ela? *Ela*, com direito a pronome pessoal de caso reto: memória é ser, é fio e é alinhamento. É a ligação entre passado, presente e futuro. Em meio a este emaranhado que é tentar delimitar uma palavra tão plural, entendo ser necessário voltar, brevemente, aos tempos de ouro da Grécia Antiga, e relembrar as raízes de um ser místico: *Mnemosine* – a personificação divina da memória.

Na Mitologia grega, Hesíodo (2005), em sua obra *Teogonia Trabalhos e Dias*, narra que Gaia, a Terra, um ser mitológico de origem desconhecida, desdobra-se no que será seu cônjuge, Urano, o Céu. Dessa sua união, originou-se a segunda geração de deuses, que se constituem pela junção de fenômenos físicos e abstratos. Dentre eles, está a divindade *Mnemosine*, que é descrita como a personificação da memória, sendo ela a responsável por dar aos poetas e adivinhos o poder místico de voltar ao passado por meio da memória e, mediante a tradição oral de contação de histórias, lembrá-lo para a comunidade. Com esses feitos, os representantes de *Mnemosine* na Terra passavam a ser imortalizados na memória do seu povo, pois um herói grego não era só quem fazia grandes feitos, mas sim aquele que não caía nos males do esquecimento.

Ao trazer esse caráter mítico da memória, adoto a percepção de que ela não é apenas uma categoria de análise da antiguidade: é, desde os tempos gregos, uma fonte do presente (BOSI, 1994). Para a época atual e para os objetivos desta pesquisa, essa concepção mitológica, em sua totalidade, já não cabe mais, uma vez que já se compreende a memória como uma capacidade humana e fisiológica, não sendo, dessa forma, um atributo adquirido por meio de uma divindade. Contudo, tal concepção serve como referência para compor a gama de espaços que os estudos da memória ocupam, tais como a Psicologia, a História, a

Filosofia, a Sociologia, dentre outras áreas do conhecimento. Alice Gomes Xavier (2013), em sua dissertação *O labirinto da memória: memória e esquecimento em obras da literatura juvenil brasileira*, colabora para os estudos da memória, trazendo que ela é “uma faculdade cognitiva essencial por fundamentar a aprendizagem humana, numa relação entre o tempo e a realidade, a busca de identidade e a evolução do mundo, a consciência histórica e a luta contra o esquecimento.” (XAVIER, 2013, p. 18). Nisso, é perceptível sua função e sua interferência nos processos sociais humanos.

Junto a isso, Bosi (1994) traz que, a partir dos diversos estudos sobre a memória, especialmente os iniciados por Henri Bergson e Maurice Halbwachs, começa-se a perceber que ela

permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 46-47).

Sendo assim, a memória se desdobra, também, como constituinte do ser humano, de sua identidade e do seu presente, elementos permeados pela contínua interação com os fragmentos do passado. Considerando o que já foi aqui apresentado, neste capítulo, buscarei demonstrar como se dá a construção da identidade da personagem Isabel na obra.

Stuart Hall (2019) colabora para o entendimento da descentralização e da fragmentação da constituição do sujeito e da sua identidade na pós-modernidade. A partir dos estudos dos seus conceitos, levantou-se a hipótese de que a protagonista Isabel constrói sua identidade por meio da interação com o outro. Desse modo, o objetivo deste capítulo foi observar dois questionamentos-chave: Qual o papel da memória na construção da identidade? Como se dá a construção da identidade de Isabel na obra? As respostas para essas duas questões norteadoras estão trançadas na sequência.

Logo no início da obra, ao levar o retrato para escola, Isabel o perde e, a partir desse momento, começam as longas conversas entre ela e Bisa Bia. Como Isabel bem conta, Bisa Bia começou a existir para ela e com ela: “É que Bisa Bia mora comigo, mas não é do meu lado de fora. Bisa Bia mora muito comigo mesmo. Ela mora dentro de mim.” (MACHADO, 2001, p. 5). A narrativa se desenrola com as conversas, conselhos e até desentendimentos entre Isabel e Bisa Bia e, mais à frente, por uma terceira personagem, a Neta Beta, futura bisneta de Isabel.

Sobre a questão identitária, cabe ressaltar que, com o advento da modernidade, principalmente no final do século XX, os estudos de natureza sociológica passaram por profundas transformações, que foram desde aspectos religiosos, políticos, econômicos até os de ordem comportamental. A partir dessa base e juntando essas mudanças à eclosão da globalização, Hall (2019) propõe um estudo sobre a construção de identidade do indivíduo que, segundo o autor, está em constante formação, trazendo que:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2019, p. 9).

O resultado dessa fragmentação é um sujeito cada vez mais descentralizado, que não está, somente, ligado a um uni, mas sim a um pluri. A ideia de centramento ou de uma identidade estável do sujeito, conforme Hall (2019), é uma fantasia, pois o que pode ser observado é a celebração móvel de várias identidades, por vezes contraditórias, que constituem o sujeito moderno. Dito isso, é notável que:

Como todas as práticas de significação, ela [a identidade] está sujeita ao jogo da *différance*. Ela obedece à lógica do mais-que-um. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de 'efeitos de fronteiras'. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2014, p. 106).

É importante ressaltar que, embora questões como o multiculturalismo e a diferença tenham tomado destaque na teoria educacional nos últimos anos, conforme diz Tomaz Tadeu da Silva (2014), ainda não há um consenso do que seja identidade. O autor traz que, em uma perspectiva positivista, a identidade “é uma característica independente e autônoma” (SILVA, 2014, p. 74), que faz referência a si própria. Junto a essa linha de raciocínio, tem-se também a tentativa de cristalizar outros conceitos caros à identidade, sendo um deles a própria diferença. Segundo o autor, a diferença existe em uma relação de oposição com a identidade, “é aquilo que o outro é” (SILVA, 2014, p. 74) e aquilo que eu não sou. A partir desse conceito, é perceptível que mais do que a interação com o outro, a identidade é aquilo que eu tenho de diferente do outro ou que o outro tem de diferente de mim. É nessa alteridade que a identidade, também, constitui-se (HALL, 2003).

Com a leitura da obra, é possível identificar trechos que remetem a essa perspectiva de construção identitária, que é fomentada pela interação com o outro e, principalmente, por meio das suas diferenças. No trecho a seguir, após Isabel ter passado por uma cena constrangedora na escola, que consistia em espirros e na falta de lenço para limpar o seu rosto, a menina questiona Bisa Bia se a culpa pelo sumiço dos lencinhos seria responsabilidade dela. Após alguma insistência, a bisavó confessa, envergonhada:

– Fui eu, sim, minha querida, com a melhor das intenções. Eu não podia imaginar que fosse acontecer uma coisa dessas. No meu tempo... Aí estourei: – Não me interessa o seu tempo! Quando é que você vai entender que hoje em dia tudo é muito diferente? Eu sou eu, vivo no meu tempo, e quero fazer tudo o que tenho vontade, viver minha vida, sacou, Bisa Bia? Eu sou eu, ouviu? (...) estava aos berros no banheiro, gritando: – Eu sou eu! Eu sou eu! (MACHADO, 2001, p. 43).

Desta forma, a afirmação de ter uma identidade “eu sou eu” faz sentido quando há um outro diferente para se contrapor, pois “em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não

fariam sentido.” (SILVA, 2014, p. 75). Assim, quando Isabel diz que “eu sou eu”, está, conseqüentemente, negando outras identidades existentes, como “Não sou Bisa Bia” ou “Não sou uma moça de sua época”, pois, ainda que a personagem seja o resultado da interação com essas identidades, ela não é nenhuma delas por completo.

Desse modo, é plausível compreender que é na alteridade que eu me identifico e me estranho com o outro (HALL, 2003), formando não uma identidade da diferença, mas sim na própria diferença. Constituir-se em relação ao outro, por meio de um estranhamento ou de uma negação, é um dos caminhos trilhados por Isabel na construção de sua identidade, na inconstância, já que, a partir do que já foi aqui apresentado, conforme Hall e Silva (2019; 2014), a ideia de uma identidade cristalizada e imutável é, sem dúvidas, limítrofe e incabível.

No seguinte trecho, é possível perceber que, a partir dessa reflexão, Isabel começa a questionar outras imposições e tradições que são passadas por meio das gerações, como a mudança do sobrenome feminino a partir do casamento:

– Eu não quero. – Não quer o quê? Não quer casar? – Não quero mudar de sobrenome. – Isso você resolve mais adiante, com seu marido. Mas eu estava decidida mesmo: – Não. Já resolvi. O nome é meu. Desde que nasci. Meu marido ainda nem me conhece. Não tem nada com isso. Mamãe olhou para mim com atenção e perguntou: – E por quê, Bel? – Porque eu sou eu, ora (MACHADO, 2001, p. 47).

Dito isso, é certo que “identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2014, p. 75), já que se constituem em uma relação intrínseca e, muitas vezes, velada pela tentativa de fechamento e cristalização. Logo, é notável que a identidade de Isabel não se constitui, apenas, a partir da interação com sua bisavó, mas também é tocada pela própria diferença e alteridade que tem com essa bisa e com o tempo em que ela viveu. A afirmação que faz de si demarca o outro que ela não quer ser: a esposa que muda seu nome ao casar.

Com essa perspectiva de oposições e interações, Isabel se vê interpassada por diferentes momentos de identificação e estranheza: ora se percebe com comportamentos e atitudes que herdou de Bisa Bia, por meio de suas memórias e conversas, ora é impulsionada pelos ideais futurísticos de sua Neta Beta. No seguinte trecho, Isabel reflete sobre os conselhos que recebe de ambas e busca compreender-se por meio deles:

Impossível saber sempre qual o palpite melhor. Mesmo quando eu acho que minha bisneta é que está certa, às vezes meu coração ainda quer-porque-quer fazer as coisas que minha bisavó palpita, cutum-cutum-cutum, com ele... Mas também tem horas em que, apesar de saber que é tão mais fácil seguir os conselhos de Bisa Bia, e que nesse caso todos vão ficar tão contentes com o meu bom comportamento de mocinha, tenho uma gana lá de dentro me empurrando para seguir Neta Beta, lutar com o mundo, mesmo sabendo que ainda vão se passar muitas décadas até alguém me entender. Mas eu já estou me entendendo um pouco – e às vezes isto me basta (MACHADO, 2001, p. 53).

Nessa concepção, Hall (2019) comenta que a identidade está sempre em construção, não sendo fixa ou permanente, já que o “sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2019, p.

12). Em concordância com essa afirmação, Isabel se percebe, em diversos momentos da narrativa, um pouco de Bisa Bia ou de Neta Beta, sendo elas integrantes do seu “eu” em construção. Nisso, é notável, mais uma vez, que a cristalização da identidade não é cabível, já que ela está, constantemente, se modificando em função da interação e do estranhamento com o outro. É nessa construção que a personagem forma sua trança de gente, misturando os palpites plurais de como ela pode ser Isabel.

Em outro trecho, há a percepção da multiplicidade de identidades que há em Isabel, quando a personagem nota que, em alguns momentos, ela assume outros comportamentos:

Mas também tem outra coisa: quando eu começo a ficar muito moderna, muito decidida, a me sentir muito forte e muito capaz de enfrentar tudo, às vezes me dá uma ‘recaída de bisavó’, como Neta Beta chama. Quer dizer, quero denego, descubro que sou fraca numas coisas, tenho vontade de pedir colo e procurar alguém que me ajude, passe a mão na minha cabeça e tome conta de mim um pouquinho. Não dá para ser mulher-maravilha. Pelo menos, não dá o tempo todo, sem fingir (MACHADO, 2001, p. 54).

Dessarte, é possível assegurar, conforme Hall (2019), que uma identidade completamente consolidada e coerente é mera ilusão. Isabel está ciente disso quando declara ser impossível ser mulher-maravilha o tempo todo. A partir dos trechos citados, fica nítida a afirmação de que “somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente.” (HALL, 2019, p. 12). As chamadas “recaídas de Bisa Bia” ou a força vinda dos ideais de Neta Beta formam a identidade de Isabel, ainda que seja pela afirmação de uma diferença, ou pela mistura de diferentes comportamentos e ideias, pois como bem diz ela: “Vou descobrindo que dentro de mim é uma verdadeira salada.” (MACHADO, 2001, p. 54).

Com o choque de costumes de suas gerações, as duas “vozes” femininas e Isabel entram em conflitos constantes. Bisa Bia, uma senhora mais conservadora, educada nos moldes de uma época em que a mulher tinha traços perceptíveis de submissão e delicadeza, não concordava com o comportamento mais despojado de Isabel, que, em contrapartida, era apoiado por sua Neta Beta, pois, vinda do futuro, aspirava à independência pessoal e, principalmente, feminina. Ao final da obra, Isabel encontra o retrato perdido, por meio de sua professora Sônia que, encantada com o apego da menina a essa lembrança, sugere uma pesquisa sobre como poderá ser o futuro e como foi o passado de cada família. Nesse momento, Isabel percebe que ela é o resultado de muitas gerações anteriores a dela.

Em síntese, é admissível conceber que a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* abarca mais do que uma narrativa sobre uma menina e um retrato. É inteligível, pela narrativa e pelas experiências de Isabel, que sua identidade não é estável, mas sim móvel, influenciada pela interação com o meio e com outras pessoas, como ela retrata no trecho trazido em epígrafe: “Eu, Bel, uma trança de gente, igualzinho a quando faço uma trança no meu cabelo, dividido em três partes e vou cruzando uma com as outras, a parte de mim mesma, a parte de Bisa Bia, a parte de Neta Beta.”

(MACHADO, 2001, p. 61). A personagem é o resultado da interação com a memória de sua família, demarcada pelas diferentes ideologias e concepções, que auxiliam diretamente na construção de sua própria identidade. Alicerçado no que foi apresentado, constato, então, que Isabel é uma mistura, gerada a partir dos reflexos das suas gerações anteriores e futuras, de memórias, de reflexões e de questionamentos durante sua construção como indivíduo: ela é trança de gente e compreende que sua identidade não é fixa.

3 Trançado entre passado, presente e futuro: memória e rememoração

Juntar, pacientemente, os cacos do passado, olhar para o presente e identificar as ruínas passadas que constituem o tempo do agora são, talvez, os pontos principais da teoria de Walter Benjamin (2019), apresentados no livro “O anjo da história”. Por meio do entendimento benjaminiano, estudado por Gagnebin (1993, p. 62) de que “o passado comporta elementos inacabados e, para, além disso, que aguardam uma vida posterior e, tendo a compreensão de que somos nós os encarregados de fazê-los reviver” é que se projetam os objetivos deste capítulo. Nesta seção, buscarei analisar, à luz dos conceitos e das Teses³ IV, VI, VII e IX de Walter Benjamin (2019), seguidos dos estudos de sua obra feitos por Michael Löwy (2005), Georg Otte (1996), e Jeanne Marie Gagnebin (1993), o movimento de rememoração presente em *Bisa Bia*, *Bisa Bel*, que se desdobra nas percepções dos momentos de perigo e da ideia de progresso presentes no enredo. Diante disso, projetam-se os seguintes questionamentos: o que é rememoração? Como esse movimento é percebido na obra?

Trabalhar com a memória, sob o prisma do presente, não é, segundo Benjamin (2019), apenas narrar uma história ou seguir uma historiografia que aniquila a memória dos derrotados, aqueles que não fazem parte de um “cortejo de triunfo” rumo à dominação, às barbáries e às guerras. Para Otte (1996), em seu artigo “Rememoração e citação em Walter Benjamin”, olhar para esse presente marcado é compreender que “não é mais o passado que explica o presente nos termos da causa e do efeito, mas que é o presente que possibilita a compreensão do passado.” (OTTE, 1996, p. 214). Em se tratando de estudos benjaminianos, conforme Gagnebin (1993), em seu livro “Walter Benjamin: Os cacos da história”, Benjamin faz uma crítica contundente ao progresso, ao historicismo e à concepção homogênea de tempo, pois “esse tempo linear, ‘homogêneo e vazio’ (...) deve ser questionado” (GAGNEBIN, 1993, p. 20). O presente, na teoria de Benjamin, não é visto apenas como o resultante de um passado, mas sim como um espaço contínuo de reflexão e reavaliação, já que, segundo Otte (1996, p. 214),

Eingedenken [rememoração], portanto, não significa simplesmente evocar, isoladamente, a lembrança de um passado, esquecendo-se do próprio presente [...]. Não se trata de conservar o passado num esforço museal de memória, mas de relacioná-lo diretamente com o presente e de reanimá-lo [...].

³ As teses de Walter Benjamin (2019) são consideradas produções filosóficas e políticas que possuem forte influência do Romantismo Alemão, do Messianismo Judaico e do Marxismo, elas são encontradas no texto intitulado “Sobre o Conceito de História”.

Nessa relação passado-presente, segundo a perspectiva benjaminiana, percebe-se um movimento que não apaga uma linha temporal em detrimento de outra; o presente não é supervalorizado nem o passado é esquecido. Não há, ali, conforme interpreta Otte (1996), uma defesa de uma linha temporal, mas há uma comunicação de ambas, numa projeção em espiral, já que

o passado não é mais uma instância imóvel que admite apenas uma única compreensão, mas que, encontrando-se numa relação dialética com um presente em movimento, apresenta aspectos diferentes de acordo com as condições permanentemente alteradas desse presente (OTTE, 1996, p. 214).

Nesse sentido, não há um olhar estático para o tempo passado, mas sim a consciência de que ele está em constante relacionamento com o presente. Essa relação só pode ser efetivada se, ao olharmos para o presente, estivermos abertos para percebermos os sinais do passado, que reaparecem, ou, conforme Benjamin (2019), lampejam em instantes presentes de perigo. Tais instantes são o prenúncio de uma memória formada, metaforicamente, por cacos do passado, que alertam para o perigo de ocorrerem outras catástrofes, similares às que já se consumaram, como o Holocausto, as Guerras Mundiais, ou ainda aquelas que se travam no cotidiano humano, como a desigualdade social, o machismo e a opressão. Ao trazer essa visão para nosso objeto de análise, é perceptível que a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* abarca a relação entre passado e presente, por meio do contato entre neta(s) e bisavó(s), e a reverberação desse presente nos acontecimentos futuros, a partir da intervenção da Neta Beta. Isabel representa uma personagem muito jovem, ainda mergulhada no universo juvenil de brincadeiras e questionamentos sobre a vida adulta. Suas características mais notáveis são a curiosidade e o espírito questionador. Essas particularidades são perceptíveis, pois Isabel, em toda a obra, possui um olhar curioso e cuidadoso para o seu passado. A personagem não apenas ouve o que é contado por *Bisa Bia*, mas busca saber mais sobre o que aconteceu nesse passado, procura conhecer aquela realidade, ao passo que, a partir das memórias de sua bisavó, age sobre o que chega do passado no presente, não deixa esse tempo antecedente apenas como uma recordação estática ou saudosista, mas gera reflexão para o seu momento atual.

Ligando esse conceito com o objeto de estudo, na narrativa, após encontrar o retrato de sua bisavó (caco da história da família), por meio das arrumações de sua mãe, Isabel passa a integrar *Bisa Bia* no seu cotidiano, pois, como já mencionado, desejava a fotografia da bisavó e, ao consegui-la, a levava para todos os lugares. Com essa atitude, fica evidente que a personagem olha para esse passado de *Bisa Bia* com cuidado e com atenção:

A partir desse dia, passei a ter longas conversas com *Bisa Bia*. Geralmente quando nós estávamos sozinhas. Ela me contava uma porção de coisas do tempo dela, ensinava coisas, falava de lembranças, dava conselhos – o que ela gosta de dar conselhos não dá nem para imaginar. Alguns conselhos são ótimos. Por exemplo, enfeitar meus cadernos com figuras coloridas (que ela chama de “cromos”). Acabamos descobrindo uns numa papelaria, que são mesmo umas graças. Fiquei com mania de cromos (...) E não colo só nos cadernos, não. Saio colando em todo canto (MACHADO, 2001, p. 23).

Identificar esse passado que cintila no presente é possível quando, conforme Benjamin (2019), o indivíduo se encontra disposto a perceber seus sinais, pois há o entendimento de que, segundo Löwy (2013, p. 71), o “passado pode ser compreendido somente à luz do presente, sua imagem verdadeira é célere e furtiva – ‘lampeja’”. Logo no início da obra, é perceptível que Isabel não rejeita seu passado, que se apresenta para ela na forma de uma fotografia de sua bisavó. Pelo contrário, ela busca, a partir desse documento (fotografia), conhecer mais sobre a família, leva o retrato para todos os lugares e, ainda, escuta e conversa com essa voz de sua ancestral, buscando articular o presente e o passado de modo que ambos façam sentido para ela e, além disso, evoquem outra voz do futuro, a da Neta Beta, uma terceira voz de alguém que ainda não nasceu e representa a futura geração da família.

Esse olhar atencioso e cauteloso para o passado é melhor apresentado na Tese IX, uma das teses mais conhecidas, em que Benjamin faz uma alegoria com um quadro do autor Paul Klee, na qual associa o anjo retratado como sendo a representação do anjo da história, que possui um olhar para o passado, enquanto suas asas estão abertas, empurrando-o para o futuro:

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado (BENJAMIN, 2019, p. 14).

Nessa concepção, é cabível associar a narrativa de Ana Maria Machado, sobretudo no papel da personagem Isabel, a esse anjo da história apresentado por Benjamin (2019), pois a personagem se preocupa com sua bisavó ao se dispor a escutá-la, ao levar o seu retrato para todos os lugares, ao apresentar a ela o tempo presente, ao passo em que abre esse presente para as memórias do passado.

Para além desse olhar solícito para o tempo de Bisa Bia é inteligível, também, que o próprio ato de Isabel não absorver e aceitar, de imediato, tudo o que chega até ela, demonstra que Isabel está atenta ao apagamento e à submissão da mulher na sociedade. Em vista disso, há de se notar que o olhar da menina também está voltado para o passado quando reflete sobre as heranças culturais impostas e, principalmente, sobre as concepções historicamente “vitoriosas”, como o machismo e a imposição de valores e costumes. Desse modo, Isabel contribui para que tais concepções não se instaurem de imediato, não sem antes haver uma reflexão crítica sobre o que se perpetuou ao longo das gerações.

Cabe aqui ressaltar que há o entendimento de que Benjamin (2019) faz referência a um conceito diferente de barbárie, pois no contexto histórico e nas bases marxistas em que foi escrito, havia uma problematização voltada à barbárie no mundo do trabalho e à luta de classes. De toda forma, tal visão não anula a possibilidade de considerar que Isabel, ao olhar para o passado das mulheres de sua família, está fazendo um movimento de ressignificar sua postura no presente, buscando, dessa forma, evitar a realidade de opressão e de apagamento da mulher.

Ao escrever suas Teses, Benjamin (2019) discorreu sobre temas que ultrapassaram um fechamento temporal secular, como, por

exemplo, as guerras, as opressões e a luta de classes. Caracterizando-se como um materialista histórico com profundas ligações com o marxismo, o autor discorre, em toda a sua obra, que não há mudança sem revolução, sem uma alteração significativa do presente, promovida por quem, por séculos, foi esquecido e vencido por quem dominava. Löwy (2005), ao analisar a Tese IV, argumenta que não há “nada de salvação sem transformações revolucionárias da vida material” (LÖWY, 2005, p. 62), transformações que estão presentes no agora, na estrutura histórica e material da vida, na ação de realizar e de se preocupar com essas transformações, e não somente idealizar sua modificação.

Assim sendo, para que essa revolução ocorra, é preciso olhar com cuidado para os monumentos de vitória ainda existentes e para os acontecimentos do presente, tendo outra percepção ao que nos é apresentado. Esse outro olhar, para um materialista histórico, vem regado com atenção, pois há o entendimento de que, com a história dos vencedores presente, há o risco iminente de repassarmos adiante o seu protagonismo tradicional, que deixa de lado outras versões da história, que se diferenciam da que está sendo contada como oficial: a dos vencidos.

Na obra, há um momento em que, com a chegada de dois novos alunos na escola e com a foto de Bisa Bia devolvida para Isabel, abre-se um diálogo, conduzido pela professora, sobre a história das famílias. Vitor, um dos novos alunos, emociona-se ao contar sobre seu avô, que ia visitá-lo enquanto estava no exílio com seus pais, por causa da Ditadura instaurada no Brasil. Nesse momento, é notável como o enredo é conduzido de modo a ressignificar, também, a reflexão sobre o passado da Ditadura no país, a partir dessa troca de experiência entre as crianças, por meio da pesquisa e da valorização das memórias do tempo de seus avós e bisavós.

Por meio dessas reflexões, é que surge a necessidade de “escovar a história a contrapelo”, que fomenta, segundo a Tese VII, a percepção de que:

Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie. E, do mesmo modo que ele não pode libertar-se da barbárie, assim também não o pode o processo histórico em que ele transitou de um para outro. Por isso o materialista histórico se afasta quanto pode desse processo de transmissão da tradição, atribuindo-se a missão de escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 2019 p. 13).

Ou seja, é necessário que haja uma visão minuciosa, que busque olhar para a história de modo a se afastar, na medida do possível, deste cortejo que caminha para celebração da história dos vencedores. É nesse cuidado que se faz praticável uma ideia de revolução, de ressignificação do próprio presente e de rememoração, pois há ali uma atenção para uma história que, atropelada pelo progresso e pela ideia de vitória, nem sempre é propagada ou vista.

Em um dos trechos da obra, após Isabel refletir sobre Bisa Bia gostar de dar conselhos e, ainda que alguns sejam proveitosos para ela, a visão questionadora e autônoma da menina se sobrepõe sobre as falas que não fazem sentido para ela no presente, como é observável no seguinte trecho:

– Escute o que eu estou lhe dizendo, aprendi com a minha experiência... – Por isso mesmo, ué, se eu não puder fazer a minha experiência, como é que vou aprender? – bem que eu respondo às vezes. De tanto ela falar em experiência, experimentei tapar os ouvidos com algodão, mas não deu certo, porque a voz dela vem de dentro de mim. Aí resolvi cantar bem alto, mais alto do que ela, e canto uma música que eu mesma inventei:

Experimenta
Experimenta
Quem não pimenta
Nunca se esquentar
Quem nunca tenta
Jamais inventa
(...)

Com a minha música cantada bem alto, a voz dela fica mais baixinha e dá para eu ir em frente fazendo o que quero, sem que ela se intrometa muito (MACHADO, 2001, p. 30).

É notório, então, que Isabel não ignora o seu passado ou “passa por cima dele”. Segundo Benjamin (2019), há uma ligação entre os dois tempos, já que a relação que se forma entre passado e presente é tomada em espiral.

No trecho a seguir, ao ouvir o conselho de Bisa Bia sobre ser uma moça comportada, igual às da época da bisavó, a personagem reflete sobre seu próprio presente e age sobre ele de modo revolucionário⁴ em relação à Bisa Bia, não entrando nesse cortejo patriarcal, que dita como as mulheres precisam se comportar e como devem agir⁵:

Ah, menina, não gosto quando você fica correndo desse jeito, pulando assim nessas brincadeiras de menino. Acho muito melhor quando você fica quieta e sossegada num canto, como uma mocinha bonita e bem-comportada. Na animação da brincadeira eu não estava mesmo nem um pouco disposta a parar de me divertir para ficar dando explicação a Bisa Bia. Se ela me cutucava, eu podia também dar umas cutucadas nela, pra ela aprender. E bem que dei: – Sossega, Bisa Bia. (MACHADO, 2001, p. 19).

Como se vê, Isabel não faz o movimento de seguir o conselho de sua bisavó, que chega perpassado por estereótipos sobre o comportamento feminino, mas age sobre esse conselho demonstrando que ele não faz sentido para ela. Ao “cutucar” sua bisavó, por meio de sua fala, a menina deixa claro que está disposta a refletir sobre os argumentos que a impedem de fazer o que deseja, ao invés de fazer o que sua bisavó propôs. Desse modo, Isabel escuta o que chegou até ela, mas não segue o conselho de parar sua brincadeira e se “comportar”; ela prefere interromper a fala e não acatar os moldes de condutas tradicionais das mulheres que, como é trazido pela narrativa, também afetam as crianças.

Diante do exposto, entro em outro ponto da análise: os lampejos de perigo. É visto que o lampejo (pequena fagulha de luz momentânea, faísca) de perigo representa a oportunidade de tomada de atenção; a própria fala da Bisa Bia, favorecendo um comportamento que silencia a mulher e a coloca em uma posição comportamental passiva, desperta

⁴ Trago aqui o “revolucionário”, pois entendo que Isabel não atende às imposições de uma cultura patriarcal. Ademais, compreendo, também, que Benjamin, em seus estudos, tem uma visão mais ampla do termo, devido ao contexto social de maior tensão que é a luta de classes, como já contextualizado.

⁵ Não foi o objetivo desta pesquisa estudar a construção da identidade feminina, embora sabe-se que esse é um ponto de extrema importância para os debates sobre gênero e empoderamento feminino, podendo vir a ser aprofundado em futuras pesquisas.

em Isabel uma reação. Essa reação é a resposta ao instante de perigo, sendo ele o momento, segundo Benjamin (2019), em que o passado lampeja como uma fagulha no presente, despertando, em quem está disposto a percebê-lo, uma reflexão sobre o que ali se projeta. Isabel reconhece o perigo de se manter comportada como aconselha a bisavó.

Voltando o olhar para essa passagem, é inteligível que o machismo velado, atravessado na fala de Bisa Bia, faz com que esse “alarme” soe para Isabel, pois ela percebe esse sinal e, rapidamente, se apropria dele de outro jeito, não rejeitando completamente o que foi dito por Bisa Bia, nem dispensando a experiência do bordado, mas também não agindo conforme as recomendações de sua bisavó.

Ainda que as memórias trazidas por meio da voz de Bisa Bia representem um passado, não há como Isabel conhecê-lo tal qual ele ocorreu, como diz Benjamin (2019) na Tese VI. O que é possível, como observado no trecho, é atentar-se para a imagem desse passado que se mostra para o sujeito, que, no caso desta análise, trata-se de Isabel. Dessa forma, em conformidade com Benjamin (2019, p. 11), há a compreensão de que:

Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo ‘tal como ele foi’. Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo. Ao materialismo histórico interessa-lhe fixar uma imagem do passado tal como ela surge, inesperadamente, ao sujeito histórico no momento do perigo.

Essa lembrança, essa voz do passado, que trouxe junto a ela um instante de perigo, pode vir a ser, conforme Löwy (2005), o que salva. Ao olhar para esse passado que se apresenta no presente, por meio de lampejos, há a possibilidade de subverter o seu movimento, principalmente, aqueles que, conforme Benjamin (2019), seguem as ordens estabelecidas e fechadas da história oficial, que narram e repetem, no presente, a história dos vencedores. Encontra-se, portanto, a possibilidade de acender uma chama no agora, ou seja, atentar-se para poder escovar a história a contrapelo. À vista disso, tem-se a possibilidade de olhar fatos que, porventura, não foram contados e dar espaço para eles no presente.

Por certo, ao escovar a história a contrapelo, Isabel tem o cuidado de olhar para as memórias de Bisa Bia e, em vez de apenas ouvi-las ou juntar-se aos ideais que sua bisavó propõe, Isabel ressignifica seu presente como menina. Ao fazer esse movimento de olhar a história com cuidado, a personagem intervém no seu presente, já que busca quebrar a lógica do silêncio feminino e da homogeneização dos gêneros em papéis construídos socialmente: a mulher silenciada e a criança que apenas obedece. A partir desse olhar reflexivo de Isabel para as memórias de Bisa Bia é que a história de sua bisavó é vista com atenção, sendo, conforme apresenta a teoria benjaminiana, escovada a contrapelo, vista por outros ângulos, permitindo novas reflexões sobre o que é repassado, pois o passado insere-se no presente: ele lampeja.

No que se refere à Neta Beta, na seguinte passagem, há o primeiro contato de Isabel com essa voz futurística que, apesar de ainda ser distante, já incute um apoio às decisões de Isabel e, também, suscita um prenúncio de mudança sobre as visões comportamentais femininas:

E, sempre muito calma, Bisa Bia completou: – O que é muito feio não é o assovio. É uma menina assoviando, uma mocinha que não sabe se comportar e fica com esses modos de moleque de rua. Pronto! Pra que é que ela foi dizer isso? Bem nesse momento, parecia que tinha uma voz dentro de mim, bem fraquinha, mas bem nítida, me dizendo assim: – Faça o que você bem entender! Não deixe ninguém mandar em você desse jeito (MACHADO, 2001, p. 32).

Desse modo, a voz da Neta Beta vem para dar suporte ao que Isabel já recusa sobre o passado. Por outro lado, apesar de Neta Beta apoiar as decisões de Isabel, de incentivá-la a ser independente e agir conforme sua própria vontade, entendo que, atrelado a isso, há outro lampejo que se apresenta por meio dessa voz do futuro: a ideia de progresso. Essa concepção é apresentada por Benjamin ainda em sua Tese IX, na qual ostenta que

(...) Ele [o anjo] gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval (BENJAMIN, 2019, p. 14).

Para Benjamin (2019), a ideia de progresso vem atrelada ao vendaval que causa destruição por onde passa: ele não pode ser freado; apenas continua se encaminhando para frente. Com isso, o progresso é, também, associado ao desencadeamento de grandes catástrofes. Conforme Löwy (2005), a partir das reflexões sobre o progresso, Benjamin aparenta prever as tragédias de seu tempo, que se configuram como uma das maiores catástrofes da humanidade: Auschwitz e Hiroshima. Para a teoria benjaminiana, o progresso é alvo de desconfiança, pois ele caminha em conjunto com a marcha triunfal dos vencedores, que não se preocupa em olhar para os vencidos de sua história, pelo contrário, aniquila a possibilidade de haver outro olhar para ela, de escová-la “a contrapelo” e colabora para a consolidação das barbáries históricas. Portanto, ao problematizar a ideia de progresso, Benjamin (2019) busca uma superação da visão linear da história, atentando-se para a memória dos oprimidos e vencidos e alertando para a possibilidade de repetição iminente de novas catástrofes, que se formam nas ruínas do passado e são impulsionadas pelos ventos do progresso.

Neta Beta, apesar de muito consistente para algumas questões que para ela já possam estar ressignificadas, apresenta, por outro viés, em alguns momentos da narrativa, questionamentos que atropelam o passado, não dando espaço para que ele tenha algum valor no presente. Em um trecho, Bisa Bia conta para Isabel que, antigamente, os lenços eram bordados com os nomes de suas donas e, em uma volta de carro de Isabel e sua mãe, a menina relembra esse assunto. Após falarem sobre alguns tipos de lenço, as duas personagens iniciam um diálogo acerca das tarefas domésticas que eram atribuídas às mulheres e de como a vida de dona de casa poderia ser monótona e entristecedora. Doravante essa conversa, Isabel apresenta o desejo de aprender a bordar, como fazia sua bisavó. Após aprender com sua mãe, enquanto borda alguns pontos, ela escuta Bisa Bia se desculpar por ter se intrometido na sua

relação com Sérgio, um garoto pelo qual Isabel se percebe interessada. Após a fala de Bisa Bia, Neta Beta se pronuncia, defendendo Isabel e reafirmando que as mulheres não precisam mais fingir ser o que não são para agradar ninguém.

Contudo, após essa fala, Neta Beta apresenta outra projeção de sua voz, colocando-a como uma oposição aos bordados de Isabel, sem ao menos constatar se a menina estava bordando para satisfazer a si mesma. Isabel, por estar aberta para às vozes e, principalmente, aos resquícios da memória que se projetam de diferentes formas no presente, percebe o posicionamento de Neta Beta, também, como um instante de perigo e se posiciona sobre ele:

A voz continuou, agora falando comigo: – E você aí, deixe de ser boba, perdendo seu tempo, espetando agulha num pano, só para agradar um bobalhão que ri de você, só para bancar a menininha fina. Para que fingir? Tem horas que não dá mesmo para fingir. Largue isso e vá fazer alguma coisa útil. Foi a vez de me chatear com ela: – Não se meta onde não é chamada. Nem sei quem você é, e fica aí dando palpite na minha vida. Pois fique sabendo que não estou perdendo tempo nenhum, estou descobrindo que gosto muito de bordar, como gosto de patinar, de ler, de dançar, de ver televisão, de ir à praia, de brincar na calçada, de fazer um monte de coisas... E não estou fazendo isso para agradar a ninguém. Só a mim mesmo (MACHADO, 2001, p. 49-50).

Esse trecho, a fala de Neta Beta representa, também, o vendaval do progresso. Esse vendaval empurra Isabel para frente, sem observar muito o que ele atropela: a memória de uma mulher como Bisa Bia, de uma atividade de muitas gerações que, apesar de não fazer parte da rotina de Isabel, estava fazendo sentido para a personagem no momento, já que ela mesma decidiu aprender a bordar. Com isso, é evidente que a voz de Neta Beta acaba propagando a ideia do progresso trazida por Benjamin (2019) em seus estudos, principalmente na tese IX, que, além de atropelar a memória de quem está em partes subjugadas da história, segue um fluxo de serventia: se não é útil, não serve para ninguém, não tem o porquê de fazer. Isabel percebe esse perigo iminente e se posiciona sobre essa fala de Neta Beta, deixando claro que ela pode fazer bordado e muitas outras coisas, pois está agradando a si mesma.

Portanto, mediante análise teórica da obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, desenvolvida no presente capítulo, foi possível constatar o movimento de rememoração presente na obra, por meio do olhar de Isabel para o passado e de sua ação sobre ele em seu presente. Tanto a voz de Bisa Bia quanto a de Neta Beta representaram lampejos de perigo para Isabel. No caso de Bisa Bia, seus conselhos e sugestões vieram transpassados por estereótipos tradicionais do comportamento da mulher, que acabavam por silenciar ou apagar o protagonismo feminino nas próprias decisões. Por sua vez, a Neta Beta, apesar de demonstrar apoio às decisões de Isabel, em um momento da narrativa, sua voz representou o progresso, que amparado na história dos vencedores, não abre espaço para um olhar atento e respeitoso para o passado, que ainda cintila no presente, para quem, assim como Isabel, está disposto a percebê-lo.

3 Considerações finais

No decorrer desta pesquisa foram abordados, teorizados e analisados os desdobramentos da memória na obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, por meio da construção de identidade da personagem Isabel e do movimento de rememoração presente na narrativa. Diante do exposto, foi constatado que a memória não é retratada como mera recordação saudosista do passado. Tal fato é notório, pois por meio da voz e das atitudes de Isabel, a memória de *Bisa Bia* não só ganha espaço no presente, como também se projeta no futuro, por meio da voz da *Neta Beta*. Avivar esse passado e perceber, igualmente, os seus lampejos de perigo no presente, pouco tem relação com olhar, de maneira estática, para o que chega até nós. Como abordado durante a pesquisa, Isabel entende que, para haver mudança no agora, não se pode desatentar para as ruínas passadas e para os cortejos triunfantes da História oficial que ainda projetam no presente.

No que diz respeito ao primeiro capítulo, referente à construção de identidade, por meio das teorias dos autores selecionados, explorou-se a constituição identitária de Isabel a partir da sua relação com *Bisa Bia* e *Neta Beta*, na alteridade e nas diversas interações com ambas. Isabel foi metaforicamente representada como trança de gente, pois a entendo como resultado da relação com três períodos temporais, da mesma maneira que a memória é a ligação entre três tempos: passado, presente e futuro. A personagem apresenta, portanto, na perspectiva desta pesquisa e em concordância com os autores trabalhados, a mobilidade e os elementos estruturantes da construção identitária humana, que ambientam a pluralização e a constituição do ser a partir da interação com o outro. Nessa concepção, encontra-se a ideia de que é partir do conhecimento e da negação do que é próprio da identidade do outro que construímos a nossa identidade. Isabel é o resultado da interação com a memória de sua família, demarcada pelas diferentes ideologias e concepções que auxiliam diretamente na construção de sua própria identidade. Quando se reflete sobre a construção desse conceito, compreende-se que não se pode mais persistir em discursos que centralizam uma ideia de identidade estável e imóvel.

No que tange aos aspectos relativos à rememoração, concluo que os estudos benjaminianos, aplicados ao *corpus* desta pesquisa, favoreceram o entendimento do presente como um espaço de abertura para o passado, para o olhar atento às histórias dos vencedores e vencidos, além do alerta às imposições que o ritmo progressista traz. Para isso, a partir da análise das projeções de rememoração na obra, averiguo que Isabel configura-se como um dos anjos da história, que percebe os sinais de um passado ainda perigoso, ao passo que age sobre os “lampejos” de maneira a dar sentido para essas memórias em seu presente. Além disso, apesar de *Neta Beta* configurar uma voz de acalento e de apoio em trechos da narrativa, há nela um presságio de um progresso que, por vangloriar as mudanças de sua futura modernidade, acaba por silenciar alguns fragmentos do passado. Isabel entende que não há como apagar o passado ou desprezar tudo que chega dele; porém, por meio de suas atitudes, entende ser necessário questionar sobre suas reverberações no agora, bem como agir sobre elas, de modo que passem a fazer sentido

e produzam mudanças e manutenções (como no caso do bordado), ainda que pequenas, na sua constituição como sujeito.

Em relação às questões norteadoras, que se desdobram a partir das duas categorias de análise, faz-se possível tecer algumas considerações. No primeiro capítulo, compreendeu-se que a memória é espaço de rememoração, sendo citada e investigada desde a antiguidade até a modernidade. Em se tratando do papel da memória na construção da identidade de Isabel, notou-se que há uma forte influência das memórias de Bisa Bia na constituição de Isabel como sujeito, seja por meio dos questionamentos e reflexões feitas pela menina ou pelas comparações geradas pelas falas da bisavó ou da Neta Beta. Já sobre as questões norteadoras do segundo capítulo, foi possível perceber que o movimento de rememoração está presente na obra, visto que Isabel não olha para o passado de maneira estática, mas interage e age sobre ele no presente. Dessarte, fazer o movimento de rememoração é também estar atento para os lampejos de perigo que se projetam no presente, de modo que, ao questionar sobre o que chega até ela, principalmente por meio da voz de sua bisavó, Isabel ressignifica essa memória passada em seu presente. Ademais, a personagem tem um olhar cuidadoso para este passado, pois se posiciona quando a Neta Beta, em um dos diálogos, acaba por incorporar uma ideia de apagamento dele, que aqui relaciono com progresso.

Para além dos questionamentos norteadores, que foram respondidos no desdobrar desta pesquisa, urge citar outras implicações que podem servir de base para estudos futuros, como a abertura para a discussão da memória coletiva presente na obra. Outra possibilidade, também, é de uma análise mais enfática sobre as imposições ao gênero feminino e à cultura patriarcal que se mostram na obra. Dessa forma, fica expressa a pretensão de que os estudos que aqui se concretizaram possam ter uma continuidade, com outros recortes teóricos e olhares distintos para as problemáticas levantadas.

Por fim, no decorrer desta pesquisa, foi possível compreender que a memória é mais do que um elemento estruturante da narrativa; ela perpassa a construção identitária humana, aviva trajetórias e acende uma faísca de alerta para quem está disposto a receber os sinais de um passado, ainda vivo. Nesse jogo de relações e reverberações, Isabel, Bisa Bia e Neta Beta circulam e se entrelaçam nas perspectivas aqui estudadas, constituindo-se como longas tranças de uma trajetória secular.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **O anjo da história**. Tradução de: João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin: Os cacos da história**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

_____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **Quem precisa da Identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.), WOODWARD, Kathrin & HALL, Stuart. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis - RJ: Vozes, 2014. p. 103-131.

HESÍODO. **Teogonia Trabalhos e Dias.** Tradução de: Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

LÖWY, Michael, **Walter Benjamin: aviso de incêndio:** Uma leitura das teses 'Sobre o conceito de História'. São Paulo, Boitempo, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel.** 3. ed. São Paulo: Moderna, 2001. 63 p.

OTTE, Georg. Rememoração e citação em Walter Benjamin. **Aletria:** Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 4, p. 211-223, 31 out. 1996. Faculdade de Letras da UFMG.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** 14. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014. Cap. 2. p. 73-102.

XAVIER, Alice Gomes. **O labirinto da memória: memória e esquecimento em obras da literatura juvenil brasileira.** 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

Artigo enviado em: 05/05/2020. Aprovado em: 08/07/2020.